

# PROBLEMAS DO BRASIL

Ten-Cel. ADALARDO FIALHO

XII

## IMIGRAÇÃO

### INTRODUÇÃO

São as mais controvertíveis as notícias que se lêem nos jornais sobre a imigração e imigrantes, neste após-guerra. Ora aparecem interessados que se declaram pela imigração livre, sem restrições, ora surgem outros que se batem pela discriminação imigratória. Enquanto isso, levam e mais levam de imigrantes aportam à Guanabara, provenientes da Europa, em busca de um mundo melhor. Não há dúvida que o nosso país não saiu da guerra preparado para receber milhares de imigrantes. Antes de tudo, temos já uma política definida de imigração, colonização e naturalização, as três questões fundamentais relativas ao povoamento e à formação étnica brasileira? Julgamos que não. Ainda discutimos sobre o órgão que, afinal, deverá centralizar essas questões. No Congresso, acaba de receber parecer contrário a criação de um "Departamento de Imigração e Colonização". Por enquanto, só legislação e idéias provisórias. Em todo o caso, o "Conselho Nacional de Imigração e Colonização", em documento sobre a concessão de vistos em passaportes estrangeiros, tornou público que a política imigratória do Brasil obedece a dois princípios fundamentais:

1. Conservar e desenvolver, na composição étnica da população brasileira, os característicos mais convenientes de sua ascendência européia;

2. Defender os legítimos interesses da economia e do trabalhador nacionais.

O n. 1, acima, dá idéia de uma seleção, de uma discriminação racial, pois, para conservar os característicos da ascendência européia, não é possível, por exemplo, importar japoneses da Ásia.

Ao contrário, para tanto, é preciso importar mais e melhores portugueses, italianos, espanhóis e raças afins do mediterrâneo europeu. Mas, por outro lado, em declarações à imprensa, o próprio presidente do "Conselho Nacional de Imigração e Colonização" declarou que "não haveria preferência de raças; não reverteríamos de preferência italianos. Todos os povos europeus que consideramos adaptáveis às nossas condições climáticas, políticas e religiosas seriam escolhidos. E não somente ex-combatentes, mas também os deslocados". E, em Lake Success, ao intervir no debate sobre a Criação da "Organização Internacional de Auxílio aos Refugiados", o delegado brasileiro declarou: "Apesar de que certas pessoas no Brasil desejam a imigração seletiva, de acordo com o critério racial, o Brasil pode ser considerado como uma democracia racial, cujas portas estão abertas a todos os imigrantes, sem distinção de cor".

Para aumentar a confusão sobre tão importante assunto, outros citam o exemplo dos Estados Unidos. De fato, nos quarenta anos que medearam entre 1870 e 1910, esse país recebeu mais do que 20 milhões de



imigrantes das mais variadas nacionalidades. Diz-se, mesmo, que todos os americanos, com exceção dos índios, são imigrantes ou descendentes de imigrantes. Antes de 1870 e até 1820, entraram apenas 5 milhões, provenientes da Irlanda, Inglaterra e Alemanha, em sua maioria, ao passo que, depois de 1870, predominaram os originários do Sul e do Leste europeus (italianos, austro-húngaros, poloneses e russos). Mas o que esses citadores da imigração nos Estados Unidos não dizem é que essa massa de imigrantes se espalhou uniformemente por todo o território do país e se dividiu igualmente entre as fazendas e a indústria; que em 1882 o Congresso americano suspendeu a imigração chinesa e excluiu os indesejáveis (doentes, dementes, imorais, anarquistas, etc.); em 1900, já havia uma mentalidade formada contra a imigração indiscriminada. As medidas contra os indesejáveis disseram respeito quanto à qualidade. Para limitar a quantidade, apelou-se para o teste da alfabetização. Esse problema não existia na Inglaterra, Alemanha e Escandinávia, porém predominava no Sul e no Leste da Europa, de onde provinha o forte da imigração, na época. Era um meio de limitar a entrada de estrangeiros. Contudo, 3 presidentes — Cleveland, Taft e Wilson — vetaram as leis que exigiam a condição de alfabetizado para entrar nos Estados Unidos, sob a alegação de que se tratava de um teste de "oportunidade" e não de "habilidade". Finalmente, a partir de 1917, os Estados Unidos, por leis dos anos de 1921, 1924 e 1929 enveredaram francamente por uma política imigratória restritiva. O ano de 1930 marcou o fim de uma era na história dos Estados Unidos.

Daí por diante continuaram e ainda continuarão por muitos anos a ser um "melting pot", porém cessaram de ser a "Terra Prometida" para os pobres e oprimidos de todas as Nações.

Há mais. O professor e ilustre psiquiatra Dr. Maurício de Medeiros, em notável conferência proferida na "Liga Brasileira de Higiene Mental", declarou que "foi no exercício

de sua profissão médica, na clínica diária do consultório, que recebeu, nestes últimos meses, uma impressão profunda sobre o que será o Brasil dentro de uma geração, se não tomarmos as mais energéticas medidas defensivas contra a corrente de imigrantes neuróticos e até psicóticos, que se está formando para o nosso país, em volume alarmantemente crescente". Disse mais que "estamos importando a escória das ruínas de uma Europa convulsionada, material e mentalmente, por seis anos de guerra e doze anos de loucura coletiva." E ampliando a frase de Miguel Pereira, exclamou: "Dentro de alguns anos o Brasil não será apenas um vasto hospital, mas sim um vasto manicomio!"

Eis porque nos abalancamos ao exame de tão importante assunto. Num trabalho em que se focalizam problemas brasileiros, não poderíamos deixar de registrar qualquer coisa sobre a importante questão da imigração, infelizmente, como vimos acima, ainda em fase de ebulição no espírito público brasileiro. Nosso país é vasto e despovoado. Há regiões, como a do Sul, que possuem um coeficiente de 16,83 habitantes por quilômetro quadrado, mas há outras, como a do Norte, com, apenas, 0,45 habitantes por quilômetro quadrado. Para tão vasto país — área de 8.500.000 km<sup>2</sup> de superfície — entraram apenas, de 1884 a 1943: 4.022.975 imigrantes. Os maiores coeficientes, por nacionalidades, couberam, em ordem decrescente, respectivamente, aos italianos, portugueses e espanhóis. A maioria desses imigrantes se encaminhou para o Sul do país e dedicou-se, principalmente, à lavoura. Entre as principais causas do menor afluxo de imigrantes para o Brasil, comparativamente com os Estados Unidos, cita-se o clima. Diz-se que o imigrante segue a lei das latitudes.

Indo da Europa para os Estados Unidos, não muda de latitude e encontra o mesmo clima que em sua pátria de nascimento. Ao contrário, vindo para o Brasil, muda de latitude e de clima. Há certa razão na



questão clima, provada pelo encaminhamento do grosso da imigração para o Sul do país, onde o imigrante encontra condições climáticas mais semelhantes às do país de origem. Mas não foi só o clima que atraiu o imigrante para os Estados Unidos. Foi principalmente a facilidade de naturalização, o clima de liberdade e de oportunidade para todos e a assistência técnica e financeira que as Companhias interessadas e o próprio governo concediam aos imigrantes.

Veremos, nos títulos a seguir, se haverá vantagem para o Brasil em deixar o campo livre para a imigração ou se deverá, ao contrário, discipliná-la em qualidade e quantidade; se haverá mesmo vantagem para ele em abrir suas portas à imigração, enquanto permanecer no estágio econômico em que se encontra; para onde encaminhar as correntes imigratórias e finalmente como assimilá-las.

#### SELEÇÃO

Devemos selecionar os imigrantes, antes de introduzi-los em nosso país? Ou por outra, de onde trazê-los? Ou quem trazer? Deixá-los vir espontaneamente ou dirigir a imigração? Uma nação não pode ser indiferente nem à *qualidade* nem à *quantidade* dos elementos raciais que entram na sua composição, disse o grande Oliveira Vianna. Não podemos encarar a questão da imigração pelo lado econômico, tão somente, como uma fonte de braços para a lavoura, mas, sim, prevendo o futuro da nacionalidade. Precisamos dar à nossa população a sua caracterização antropológica e étnica definitivas. Desde logo, devemos adotar o *seleccionismo negativo*, isto é, barrar os surdos, mudos, loucos, retardados, portadores de defeitos físicos, criminosos, idiotas, mendigos, portadores de moléstias contagiosas, aos quais devemos acrescentar, agora, os desajustados da guerra e ex-combatentes. Embora isso diga respeito à seleção de indivíduos, pode, ter contudo, graves repercussões em nossa formação étnica. A seleção das raças, mais difícil, porque baseada

em dados científicos, que não possuímos, é a que devemos procurar. Só os índices de mortalidade, longevidade, fecundidade, etc., poderão dizer quais os melhores grupos a importar e onde localizá-los. Como diz Oliveira Vianna, antes de entrarem em campo as ciências sociais, deve-se recorrer às ciências naturais: antropologistas, biólogos, biometristas, etc. Faltam-nos esses técnicos e esses dados. Para ele, 4 são os grandes grupos étnicos de nosso povo: o ariano, o negro, o índio e o mestiço. Para ficarmos dentro da política de conservar e desenvolver os característicos mais convenientes de nossa ascendência européia, tudo trata-se de aumentar e melhorar o contingente ariano, vale dizer, os elementos imigratórios europeus, aí incluído o próprio elemento tronco — o português — e mais o italiano e o espanhol, os outros 2 mais fortes contingentes imigratórios que tivemos. O negro tende a desaparecer. Sua proporção na população brasileira baixa cada vez mais. O recenseamento de 1941 acusou 6 milhões. Contribuem para isso: a cessação da importação de negros, o alto coeficiente de mortalidade deles e a miscigenação com os imigrantes.

O índio forma hoje apenas um fundo de raça na população brasileira. Seu contingente atual é mínimo e tende a desaparecer. É visível a sua degenerescência e absorção, pelos outros grupos étnicos. O mestiço é o verdadeiro representante do "melting-pot" brasileiro. O recenseamento de 41 acusou 8 milhões de pardos, forte agrupamento que tende a diminuir só muito lentamente. Para baixá-lo, tudo consiste em aumentar e melhorar o contingente ariano. É evidente que se impõe o problema da seleção eugênica da imigração, ou o da distribuição racional das etnias arianas segundo o critério da sua maior ou menor adaptabilidade às diversas zonas climáticas do país.

Talvez devêssemos encaminhar as etnias nórdicas para o Sul, as celtas para o Centro e as ibero-mediterrâneas para o Norte. Tratando-se de um clima tropical e variado, como é o nosso, tudo aconselha a dis-



criminação dos diversos tipos aqui afluentes e não a sua unificação.

Quem hoje desconhece os inconvenientes da imigração japonesa? Politicamente, essa imigração para o nosso país obedeceu a um plano de longa data premeditado, visando os Estados Unidos. Tratava-se de introduzir quintas-colunas, aqui, como em outros países do Continente, a fim de, na hora da luta, perturbar o movimento de cooperação das nações latinas-americanas com os Estados Unidos. Racialmente, o japonês é como enxôfre, diz Oliveira Vianna. É insolúvel. Devido à nossa incúria em 20 anos entraram no Brasil cerca de 200 mil japoneses, os quais, somados à sua descendência, que é ainda "full-blood", representam hoje 1% da população brasileira. O judeu é outro tipo infuzível. Enquanto que as estatísticas revelam que os imigrantes lançam 5,5% de sua famílias no "melting-pot" e as 2<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> gerações 50%, o judeu, em qualquer geração, lança 0%. Formando quistos raciais nos ghettos".

Passemos a palavra, novamente, para o Dr. Maurício de Medeiros: "No exame das qualidades psicológicas de um povo, é inevitável a pesquisa sobre as qualidades das raças que entram em sua formação. Sem o menor preconceito de ordem sociológica, mas simplesmente numa indagação de natureza biológica, pode-se admitir o exame da conveniência ou inconveniência do afluxo de certas raças, em grande escala, num país, como o Brasil, ainda em seu período de constituição étnica". Declara ele que se não pode desprezar o elemento de ordem psicológica.

"Comparando-se a curva de progresso dos Estados Unidos com a do Brasil, devem-se buscar as razões de diferença não apenas nas condições de solo e clima, mas também nas de ordem moral e psicológica. O europeu transportava-se para os Estados Unidos levando consigo o núcleo fundamental afetivo da agregação humana — a família. O que veio para o Brasil veio só, com o espírito de aventura e com o pensamento sempre voltado para a pátria de nascimento,

para onde tinha sempre o desejo de retornar". De fato, as estatísticas revelam que o coeficiente dos que voltam é estimado em 40%. "A esse estado de espírito do colonizador do Brasil é que devemos atribuir a imprevidência de nossa vida como Nação; a superficialidade das soluções, que encontramos para os nossos problemas; a incapacidade de ver longe, na distância dos anos, a consequência de nossos erros atuais. A exploração desavisada de nossas riquezas naturais, a devastação de nossas florestas, a concentração na faixa litorânea, a improvisação apressada e sob a pressão de necessidades emergentes, todo esse conjunto do que chamamos erros ou imprevidências dos governos, e até mesmo uma certa tendência ao parasitismo social, em tudo isso não vejo mais que manifestações desse espírito de aventura dos nossos antepassados colonizadores".

Além de bater-se pela qualidade do imigrante, o professor Maurício aborda também o aspecto quantidade e pergunta:

"Será vantajoso para um país novo, como o nosso, provocar a formação de grandes correntes imigratórias da mesma origem?" O Brasil, em 1900, possuía 18 milhões de habitantes e hoje dispõe de 44 milhões. "Mas o que cumpriria conhecer, exclama ele, é o valor da produção nacional "per capita", numa e noutra data; o coeficiente de mortalidade, com todo o progresso da ciência; o da mortalidade infantil; o da tuberculose; o da sífilis e principalmente o número de doentes mentais a que o Estado e os particulares dão assistência".

E acrescenta: "O crescimento rápido de uma população (é o caso da população brasileira) pode ser um desejo louvável, quando a produção acompanha ou ultrapassa o ritmo desse crescimento. Não é o que nos informam os últimos estudos estatísticos. Tomando o ano de 1934 para índice 100 — tanto para a população como para a produção de gêneros alimentícios — chegamos em 1944 com uma produção atingindo a 125, mas a população chegando a 140". As



conseqüências dêsse desnível entre a população e a produção se refletem imediatamente sobre a saúde do povo.

No quadro abaixo, organizado pelo professor Escudero, da Argentina, quanto à mortalidade infantil de 0 a 1 ano, verifica-se que o Rio de Janeiro está em 1º lugar:

1 — Rio de Janeiro.....	233,6 %
2 — Montevideu .....	178,2 %
3 — Buenos Aires .....	146,2 %
4 — Paris .....	99,7 %
5 — Londres .....	92,0 %
6 — Berlim .....	84,3 %

E, cita o professor Maurício, "enquanto em Nova York se registram 14 mortes de tuberculose por 100.000 habitantes — em Hamburgo, 75 — em Londres, 79 — em Berlim, 90 — em Paris e Buenos Aires, 150 — no Rio de Janeiro chegamos a quase 300 mortes por 100.000 habitantes". E adianta: "É em face dessa situação de fato que devemos considerar a aceleração do ritmo de crescimento da população brasileira pelo afluxo da imigração".

Para ele, "o grande problema demográfico brasileiro não é uma questão de quantidade e sim de qualidade". E acrescenta, referindo-se aos imigrantes que têm aportado ao nosso país, neste pós-guerra: "A grande maioria é de indivíduos isolados, isto é, sem família". "É gente destinada às grandes cidades, isto é, consumidores a mais para uma produção já de si insuficiente. E, o que é mais grave — a grande maioria é de gente emocionalmente traumatizada e em condições de difícil adaptação ao ambiente que nosso país pode oferecer. Serão necessários alguns anos para que se restabeleça o equilíbrio emocional desses imigrantes".

É avaliada entre 20 e 22% a percentagem de estrangeiros que passam pelas clínicas psiquiátricas do Rio e de S. Paulo, proporção evidentemente forte. "Que significam essas cifras para o futuro do Brasil", indaga o professor Maurício, que se preocupa mais com uma só das doenças que nos podem trazer os imigrantes — as mentais. "A mais grave, responde, porque indi-

cam uma sementeira de degeneração mental". E mais adiante exclama, patético: "Seria um suicídio nacional se, por negligência, abrissemos as nossas portas indiscriminadamente às grandes massas de desajustados, emocionalmente traumatizados que ora nos procuram". Vê-se, pois, através da abalizada opinião de um eminente psiquiatra e sociólogo, como é importante a questão seleção. Devemos não só selecionar as raças, problema mais complexo porque envolve conhecimentos científicos que ainda não possuímos, como selecionar, também, os indivíduos, problema imediato e mais fácil de solucionar, através da exigência de atestados de saúde, nos nossos consulados no exterior, para os imigrantes e de uma legislação sanitária adequada. E devemos francamente dirigir a imigração. São inúmeros os inconvenientes da imigração livre. Entram no país contingentes de valor social precário, quando provindos das classes desprotegidas de seus países de origem, aumentando o pauperismo do nosso povo. Aumentam a criminalidade, quando provêm de países onde a segurança pública está no estágio da justiça individual. Aumentam, igualmente, a taxa de analfabetização, quando provêm de países de instrução deficiente. E até mesmo a mão-de-obra hábil, cujo valor é indiscutível para um país novo, deve ser disciplinada, sob pena de fazer concorrência, pela sua excessiva abundância, ao trabalhador nacional, baixando o salário deste e o próprio padrão de vida do povo. Em resumo, somos, seguindo a opinião de ilustres mestres, pela seleção das raças e dos indivíduos; devemos conservar os característicos de nossa ascendência européia por meio de uma imigração dirigida que traga famílias e não indivíduos isolados; as raças a importar deverão ser as que habitam a Europa e, fazendo uma inversão do que até aqui foi feito, devemos encaminhar os ibero-mediterrâneos para o Norte, os celtas para o Centro e Oeste e os nórdicos para o Sul. Esta última corrente pode até ser infima, porque



o Sul, já atingiu a saturação, sob o ponto de vista de um "standing of living" em bases econômicas (15 habitantes por km<sup>2</sup>). Aliás essa corrente infima estaria de acordo com os países nórdicos, que têm a sua emigração praticamente estagnada.

Por fim, cremos que a proporção de 70% de agricultores e de 30% de técnicos é a que mais convém aos interesses do país, nas correntes imigratórias.

#### DISTRIBUIÇÃO

A distribuição do imigrante pelo território pátrio, uma vez melhoradas as atuais condições econômicas do país e julgada conveniente a sua vinda, é uma das questões mais importantes para o nosso futuro de povo e de nação. Ousamos dizer que tudo o que temos feito até agora está fundamentalmente errado. Temos permitido que o imigrante se encaminhe para onde bem entenda, quando nós, país que os recebemos, é quem deveríamos indicar-lhe a sua localização. A consequência disso é a formação de verdadeiras ilhas étnicas em diversas regiões preferidas pelos imigrantes. Por dados citados por Oliveira Vianna e referentes aos anos de 1925-1927, a percentagem dos casais homogêneos, no Rio Grande do Sul, chegava a 94,5%. Por mais um pouco chegar-se-ia a 100%, isto é, a total infuzibilidade das etnias lá localizadas. Em Marília, no Estado de S. Paulo, pelo recenseamento de 1940, havia 9.800 japoneses contra 5.900 brasileiros. E assim por diante. A concentração de imigrantes numa única região do país, sobre ser uma injustiça para com as demais, acabará por trazer-nos graves consequências para a unidade e para a economia nacionais. O Sr. A.C. Ferreira Reis, escrevendo para o "O Jornal", do Rio, afirma com muita propriedade que "A orientação oficial até agora adotada pelos poderes centrais (a de encaminhar os imigrantes para o Centro e Sul do país, onde os fatores clima e trabalho organizado garantem resultados compensadores) desde os dias em que, sob o Império, principiou a

política de colonização do Brasil com o braço e a inteligência de estrangeiro, a persistir, não sendo apenas um menosprezo às outras áreas do país, vale como um agravamento das condições em que vamos vendo decorrer o nosso processo de evolução como povo. Porque o Sul será envolvido mais e mais pela capa européia e o Norte e o Nordeste permanecerão dentro dos padrões culturais que caracterizaram o período colonial, isto é, unicamente servindo-se dos elementos sobre que se fundamentou a sociedade colonial: o lusitano, o índio e o negro, com o mameluco e o mulato que resultaram da fusão desses elementos. A fatal distância étnica que daí surgir bem pode criar perigos muito sérios para a unidade nacional. Os elos da unidade, pela existência de nossos ideais, pelos sentimentos de brasilidade que, felizmente, até hoje, não foram perturbados e de que temos visto as melhores demonstrações nas várias oportunidades em que houve necessidade da mobilização do caráter, da energia e dos sentimentos cívicos do país, precisam ser mantidos. Mas, para mantê-los, nada melhor que a execução de uma política que impeça a formação das ilhas étnicas, dos desajustamentos, das distâncias entre nortistas e sulistas.

As massas imigrantistas não devem constituir um perigo ou uma força dissociadora do Brasil. Sua distribuição, por isso, pelas várias áreas do país, é um imperativo que precisa ser considerado devidamente. Os interesses da preservação da unidade nacional assim o exigem".

Mas não são só os interesses da unidade nacional que se deve atender o sim, também, os econômicos e os da defesa nacional. A localização de uma massa de mão-de-obra rural mais capaz no Sul do país está provocando um desajustamento econômico, do qual, a corrida de nordestinos para o Sul do país é a primeira consequência. O Sul funciona como uma bomba de sucção em relação ao Norte. A mão-de-obra mais capaz no Sul provoca uma elevação do padrão de



vida nessa região, enquanto que o Norte cada vez mais estaciona e se afunda, sem poder competir com o Sul. O problema dos nossos estadistas, portanto, é melhorar as condições mesológicas do Norte e encaminhar para lá a imigração mais conveniente. Realizar uma política de equilíbrio econômico e social e não a de uma balança pendendo para um lado só. Rasgar o Norte e o Nordeste de estradas, melhorar as vias fluviais, promover a açudagem e a irrigação, a assistência técnica e o crédito barato. A corrente imigratória, já vimos, poderia ser a ibero-mediterrânea. Dir-se-á que tudo isso depende de muito dinheiro e tempo. Concordamos. Mas os problemas de uma Nação não podem ser resolvidos por uma única geração. Deve haver um órgão permanente encarregado de velar pela valorização do Norte e do Nordeste. O que a "Inspetoria de Obras contra as Secas" já realizou, no Nordeste, é um exemplo do que devemos fazer em escala maior. Um Ministério próprio, dotado de amplos recursos, impõe-se, para cuidar de tão importante questão, pois a área é vasta e rica demais para que a desprezemos. Ou colocamos, pedra por pedra, no edifício que haveremos de criar para a Nação do futuro, com persistência e determinação, ou estaremos condenados a nos seccionar e desaparecer. Quanto à defesa nacional, é evidente que devemos distribuir os imigrantes de forma que não comprometam a segurança nacional, até a sua completa assimilação. Não colocar a mesma nacionalidade numa dada região. Não colocá-los em torno de pontos-chaves, como foi o caso dos japoneses, em São Paulo, dispostos junto dos entroncamentos ferroviários. Afastá-los das fronteiras e dos portos importantes. Dispersá-los, de modo a enfraquecê-los e tornar mais rápida a sua aglutinação.

#### ASSIMILAÇÃO

Deixemos de lado a questão da fixação do imigrante ao solo, que diz mais respeito à colonização,

outro vasto assunto, para encararmos, finalmente a de sua similação, que é, de todas, talvez, a mais importante. Com efeito, não basta trazer para o Sul do país os excelentes grupos nórdicos (alemães) que trouxemos, se esses grupos não se dissolvem na comunhão nacional, não se nacionalizam. É preciso que a inter fusão étnica e racial, ou biológica, seja acompanhada da cultura, isto é, que o imigrante adote a língua, os costumes, os padrões políticos e se possível a religião do brasileiro. Entre as maiores forças assimiladoras e nacionalizantes situa-se a escola. A escola pública é o grande solvente do imigrante. É preciso dar ao imigrante e aos seus descendentes cuidadosa e atenta assistência educativa, seja no meio rural ou urbano. O contacto com os centros de cultura do país deve-se fazer estreitamente. É preciso que haja ascendência desses centros e do ambiente cultural do país sobre os imigrantes para que estes sejam assimilados rapidamente. Se tal não se dá, o imigrante conserva o seu padrão de cultura e algumas vezes até absorve o nacional. Há no Sul do país inúmeros pretos que falam alemão. Sabe-se que o imigrante latino se nacionalizou rapidamente, nos Estados Unidos, integrando-se num meio cultural completamente diverso do seu, devido ao ambiente cultural superior e liberal que encontrou. Em pouco tempo tornam-se americanos na maneira de pensar e agir. Eis porque o problema da assimilação do imigrante, hoje chamado da "aculturação", é dos mais sérios e deve seguir de perto todas as providências relativas à entrada de imigrantes no país. Deve existir no nosso Ministério da Educação uma secção especialmente dedicada a este assunto e toda a assistência lhe deve ser prestada. Trabalhando em perfeita harmonia com o órgão centralizador da questão imigração, em nosso país (a ser criado, ainda), essa secção deverá estar vigilante no sentido de levar a nacionalização onde quer que se encontrem grupos étnicos estrangeiros.



## CONCLUSÃO

O Brasil é um vasto país, praticamente desabitado. Precisa, como sempre precisou e precisará, no dizer de Stefan Zweig, de braços e mais braços para lhe arrotearem as terras e extraírem as inúmeras riquezas que abriga em seu seio. Precisa povoar o seu imenso território para explorá-lo e alargar o seu mercado interno.

A imigração traz vantagem à formação étnica, ao povoamento e ao progresso social. Somos mesmo um povo que precisa melhorar o seu tipo étnico, porque possuímos alto coeficiente de mortalidade, de natimortalidade e de infanto-mortalidade e pequeno índice de longevidade (a média da vida humana, no Brasil, é de 39 anos; nos Estados Unidos é de mais de 60). Para a importação de imigrantes, estamos até em melhor situação que a dos Estados Unidos. Estes só desejam imigrantes da Europa Setentrional, que se aclimatam bem nos Estados Unidos. Forém as populações da Europa setentrional estão em declínio e não se inclinam à imigração. Ao contrário, o Brasil deseja a imigração da Europa meridional, onde há super população. Os ibero-mediterrâneos se adaptam bem nos trópicos e, ao contrário dos Estados Unidos, onde a sua presença iria agravar o problema do desemprego e piorar as condições econômicas, no Brasil eles encontram uma fase de expansão industrial e agrícola, desde que se ampare o trabalhador agrícola tanto quanto o industrial. Porém, se tudo o acima dito é verdadeiro, não o é menos que não podemos abrir as nossas portas à imigração indiscriminada. Em cada momento de sua vida, a Nação deve balancear a sua situação econômica, social e étnica e concluir pela adoção da política imigratória mais conveniente aos seus interesses. Os Estados Unidos já foram um país imigratório. Hoje estão fechados à imigração.

Como disse um jornalista, "o nosso problema não consiste em cerrar as portas à avalanche humana européia, mas em abri-las, escolhendo, porém, as etnias e os tipos humanos

suscetíveis de se fundirem em nosso caldeirão racial e, não criando incrustações perigosas e ameaçadoras à integridade e segurança nacionais". Porque, a verdade é que a América é, hoje, ponto de convergência de todas as raças humanas: brancos da Europa, mongóis da Ásia, negros da África, malaio e polinésios da Oceânia. Se lhes não disciplinarmos a entrada, a América submergirá, amanhã, sob a maré da escória humana. Entre nós, o assunto está sendo coordenado pelo Conselho de Imigração e Colonização. Há muitos que clamam por uma pronta solução do problema. Pensamos que podemos ir mesmo devagar, dadas as atuais condições econômicas do país. Começou-se por um levantamento geral prévio, pela Secção de Imigração da Comissão de Planejamento Econômico, baseado em informações de representantes dos Estados e também em resenhas parciais dos governos de S. Paulo e do Rio, da Federação das Indústrias e do Ministério da Agricultura, sobre as necessidades de mão-de-obra e quanto à localização próxima dos mercados de produção. Todos esses estudos estão sendo reunidos, atualizados e organizados, a fim de se poder assentar um plano geral de conjunto. Na Câmara dos Deputados, por outro lado, uma Comissão Permanente estuda as diretrizes gerais de nossa política de imigração, sendo de crer-se que o problema possa tomar os rumos fixados na Constituição pela forma de um órgão centralizador único, para todas as questões relacionadas com o assunto. A este órgão caberia a execução do plano, no qual seriam aproveitadas sugestões apresentadas por várias organizações e assembleias econômicas e políticas, como o Conselho de Imigração e Colonização, a Confederação das Indústrias de S. Paulo e outros. Decorrentes já desse trabalho de planificação, estão em andamento negociações com vários países e organismos internacionais, segundo a última mensagem presidencial (Itália, Portugal, Holanda, Organização Internacional de Refugiados).